

Teorias geopolíticas e cenários prospectivos¹

*Roberto Machado de Oliveira Mafra**

No livro *Geopolítica – Introdução ao Estudo*, publicado pela Editora Sicurezza, apresentei as Teorias Geopolíticas surgidas no período de 1890 a 1991, referentes ao final do século XIX, ao século XX e, também, ao século XXI.

Foram construídos cenários prospectivos – exploratórios ou desejados – a partir dessas teorias, uma vez que as mesmas apresentavam, na concepção de seus criadores, verdadeiras projeções relativas a espaços de tempo futuros.

Para melhor compreensão do assunto, foi recordado o entendimento de Teoria e de Cenário, em seus conceitos mais simples, a saber:

- Teoria: “Conhecimento especulativo, meramente racional; conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou ciência; opiniões sistematizadas; suposição, hipótese”.

Entendimento filosófico: “Conjunto de conhecimentos não ingênuos, que apresentam graus diversos de sistematização e de credibilidade, e que se propõe a explicar, elucidar, interpretar ou unificar um dado domínio de fenômenos ou de acontecimentos que se oferecem à atividade prática.” (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

Pode ser observado que as Teorias Geopolíticas se enquadram nesses dois conjuntos de idéias.

- Cenário: “Conjunto formado pela descrição da situação futura de um sistema e da cadeia de acontecimentos que permite que se passe da situação presente à situação futura. Configura um conjunto coerente e plausível de acontecimentos, seriados e simultâneos (fatos portadores de futuro e eventos futuros), aos quais estão associados atores – pessoas, grupos e instituições.”

Foram apresentadas as teorias e os cenários prospectivos, exploratórios ou desejados, que se seguem:

1 – Teoria do Poder Marítimo (1890), do Almirante norte-americano Alfred Thayer Mahan (1840-1914), da qual as idéias básicas possibilitaram a construção do seguinte cenário prospectivo desejado: os Estados-Unidos da América com um forte Poder Marítimo organizado (marinha de guerra, marinha mercante, bases navais, portos e estaleiros), presente em todos os mares e oceanos do mundo, com pontos de apoio em todos os continentes para o comércio e bases para a sua Armada, podendo, seguramente, “explorar as riquezas do mundo”.

O Almirante Mahan faleceu em 1914, não assistindo, portanto, à concretização desse cenário pela sua Nação, o que se daria a partir do final da 2ª Guerra Mundial – 1945.

2 – Teoria do Poder Terrestre (1904), do professor e geógrafo inglês Sir Halford John Mackinder (1861-1946), que propiciou a construção do seguinte cenário prospectivo explora-

¹ Colaboração do autor.

* O autor é Coronel de Cavalaria e de Estado-Maior.

tório: o mundo governado por quem dominasse a “Ilha do Mundo” (Eurásia”, mais a África, como seu apêndice) que, por sua vez, seria governada por quem dominasse o “Heartland” (“Coração da Terra” ou “Área Pivô”), este entendido como a região compreendida pela Europa Oriental e a União Soviética européia.

A História mostra as tentativas da Alemanha nazista (Hitler) e da União Soviética comunista (Stalin) de conquista desse “Heartland”, buscando materializar o cenário. A primeira falhou, com a destruição do “Reich de mil anos”, em 1945, e a segunda, apesar de quase ter alcançado seu desiderato, não conseguiu concretizar o cenário em face da aplicação, pelo mundo ocidental, da “Geoestratégia de Contenção”(1947), de George Frost Kennan, com base na “Teoria das Fimbrias”, que serão adiante apresentadas.

3 - Teoria das Pan-Regiões (1930), do general, geógrafo e professor alemão Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869-1946), que possibilitou a construção do seguinte cenário prospectivo exploratório: o mundo dividido em quatro grandes regiões (“Pan-Regiões”), autárquicas e interagentes, a saber: a “Pan-América” (continente americano), liderada pelos Estados Unidos da América (EUA); a “Euráfrica” (Europa Ocidental e África), sob a liderança da Alemanha, com auxílio dos demais anglosaxões; a “Pan-Rússia” (URSS, Índia e vizinhos), encabeçada pela URSS e a “Pan-Ásia” (Esfera de Co-prosperidade da Ásia Oriental Maior), sob a direção do Japão”. Este cenário foi buscado por Hitler, quando firma o pacto Germano-Soviético para o ataque à Polônia, mas teve sua concretização impedida pela persistente resistência da Grã-Bretanha (1940) e pelo ataque japonês a Pearl Harbor (1941).

4 – Teoria do Desafio e Resposta (1934), do sociólogo, filósofo, diplomata e historiador inglês Arnold Joseph Toynbee (1889-1975), que

possibilitou a construção do seguinte cenário prospectivo exploratório:

- Liderança mundial exercida pelos Estados que aceitaram e venceram os desafios antepostos ao seu processo de afirmação, sob a forma de dificuldades geográficas, obstáculos ou inferiorizações, afirmando-se e desenvolvendo-se.

Na conjuntura atual, este cenário prospectivo está materializado pela liderança mundial exercida pela única “mega-potência” – Estados Unidos da América do Norte – e pelas grandes potências – restante do G 7, ou seja, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Canadá e Japão.

5 – Teoria do Poder Aéreo, apresentada por quatro autores, no período de 1920 a 1943, a saber: General Giulio Douhet (1869-1930), do Exército da Itália; General Hugh Trenchard (1873-1956), do Exército da Grã-Bretanha; General William “Billy” Mitchell (1879-1936), do Exército dos EUA e, finalmente, Engenheiro Aeronáutico e Major de Engenharia do Corpo Aéreo do Exército dos EUA, ex-piloto da Marinha Imperial da Rússia, Alexander Nicolaievich Prokofieff de Seversky (1894-1974).

O trabalho desses quatro teóricos do Poder Aéreo possibilitou a construção do outro cenário prospectivo desejado, válido até este início do século XXI, a saber:

- Todos os Estados dispõem de uma Força Aérea independente, com missões, planejamentos e comandos próprios, mantida permanentemente equipada e adestrada para pronto emprego na defesa de seu espaço aéreo.

- Estão definidas “zonas de domínio aéreo”, nacionais e de possíveis adversários, bem como “zonas de decisão”, para emprego da Força Aérea, em busca da obtenção e da manutenção da supremacia aérea.

- Missões da Força Aérea prioritariamente de bombardeio estratégico, nas zonas definidas. É interessante observar que este cenário

prospectivo é válido até mesmo para o século XXI, que agora se inicia, particularmente no que se refere ao Poder Aéreo da maior potência da atual conjuntura mundial – os Estados Unidos da América – e das demais grandes potências.

6 – Teoria da Fímbrias (1942), do professor holandês, naturalizado norte-americano, Nicholas John Spykman (1893-1943), da qual foi construído o cenário prospectivo desejado abaixo:

- O mundo dominado por quem dominasse a Eurásia, o que seria feito através do controle do “Rimland” (bordas ou fímbrias da Eurásia).

Esse cenário foi concretizado com a aplicação da já citada “Geoestratégia de Contenção” (1947), de George Frost Kennan, tendo o “Rimland” sido controlado através da NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN), ocupando as fímbrias oeste da Eurásia; da CENTO (Organização do Tratado do Centro – OTCEN), encarregada da parte centro-sul das fímbrias eurásianas, e da SEATO (Organização do Tratado do Sudeste Asiático – OTASE), responsável pelas fímbrias leste da Eurásia.

O cenário foi materializado durante, praticamente, todo o período da “Guerra Fria”, até a derrocada da União Soviética e de seu sonho de dominar a Eurásia, através do “Coração do Mundo” (“Heartland”), já em seu poder.

7 – Teoria do Poder Perceptível (1973), do coronel e professor norte-americano Ray S. Clyne (1919/1996), da qual foi construído o cenário prospectivo exploratório que se segue:

- A liderança mundial é exercida pelos Estados possuidores de maior Poder Perceptível, entendido como a capacidade de fazer a guerra e de impor a sua vontade.

O Poder Perceptível seria calculado através de uma fórmula matemática criada pelo autor, a saber:

$PP = (C + E + M) \times (S + W)$, na qual C é a “massa crítica” da Nação, E a sua “capacidade

econômica” e M a sua “capacidade militar”, todos valores objetivos do poder; S seu “objetivo estratégico” e W sua “vontade de executar a estratégia militar”, valores estes subjetivos e de difícil avaliação, portanto facilmente manejáveis para a obtenção do resultado desejado.

Esse cenário, como pode ser verificado, foi materializado após a 2ª Guerra Mundial, com a liderança dos EUA e da URSS, respectivamente no bloco ocidental e oriental de nações, e prossegue materializado no início do século XXI, com a liderança dos EUA e do G 7. Segundo o autor da teoria, em cálculo realizado em 1978, os países de maior Poder Perceptível, no século XXI, serão a China e o Brasil...

Após a dissolução da União Soviética, com o conseqüente fim da Guerra Fria e da bipolaridade mundial, surgem então as seguintes teorias geopolíticas e cenários prospectivos (exploratórios ou desejados), de autores diversos, todas nomeadas (“batizadas”) pelo autor do livro em questão:

1 – Teoria dos Blocos (Casas ou Zonas Monetárias), de 1991, do conselheiro francês Jacques Perruchon de Brochard, nascido em 1942, que serviu de base para a construção do cenário prospectivo exploratório abaixo:

- O mundo dividido, pelos responsáveis pelo novo ordenamento mundial, em quatro Blocos (Casas ou Zonas Monetárias), cada um liderado por um ou mais, dos sete “grandes” (G 7), englobando países dos hemisférios norte e sul, preferencialmente.

Os Blocos seriam: “Federação das Américas” (Casa do Dólar), representada pelo continente americano, sob a liderança dos EUA; “Confederação Euroafricana” (Casa do Euro), abrangendo a Europa Ocidental e a África, sob a direção dos quatro membros do G 7 localizados na Europa – Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália; “União das Repúblicas Soberanas” (Casa

do Rublo), englobando os integrantes da nova CEI (Rússia), o Irã, a Turquia, o Iraque, a Arábia Saudita etc., sob a liderança da Rússia, e “Liga Asiática” (Casa do Iene), composta pelos países do extremo oriente – Japão, “Tigres Asiáticos”, Austrália etc., esperando-se, futuramente, a China – com o Japão na liderança.

Este cenário, muito semelhante àquele das Pan-Regiões de Haushofer, ao qual, além do enfoque geográfico e político foi acrescido, também, o econômico, mostrou-se de difícil materialização, em face, particularmente, da derrocada da União Soviética, inclusive com suas conseqüências econômicas.

2 – Teoria do Limes (1991), do cientista político, médico e escritor francês Jean-Christophe Rufin, nascido em 1952, base do cenário prospectivo exploratório a seguir apresentado, construído para ser materializado após o fim da Guerra Fria, ocorrido em dezembro de 1991:

- O mundo não mais está organizado em blocos, mas sim dividido por uma linha imaginária (“Limes”, ou seja, o limite móvel utilizado pelo Império Romano), separando os países ricos do norte (Império) dos pobres do sul (Novos Bárbaros).

- Os Estados ricos do norte não mais necessitam ajudar os pobres do sul, preocupando-se, agora, com seus próprios problemas e com seu desenvolvimento.

- O “Limes” tem como objetivo, inclusive, evitar uma nova “invasão de bárbaros” (também chamada, pelo autor, de “imigração da miséria”).

- Existem “zonas cinzentas”, particularmente no hemisfério sul, caracterizadas pela ausência da autoridade estatal e pelo desenvolvimento de economias marginais, criminosas ou mafiosas, tais como as das drogas e do contrabando de armas.

- Problemas externos criados pelos “bárbaros” são solucionados pelo “império”, inclu-

sive com emprego da força e internos resolvidos pelos interessados, sob supervisão do “império”, se for de seu interesse.

Analisando-se esse cenário, com os fatos portadores de futuro e os eventos futuros já conhecidos, chega-se à conclusão de que o mesmo está sendo concretizado, já neste início do século XXI, existindo fortes intenções de sua materialização, pelos “ricos do norte” – G7 e outros.

3 – Teoria da Incerteza, ou da Turbulência (1992), do professor universitário, advogado, editorialista e geopolítico francês Pierre Lellouche, nascido em 1951. Sua teoria possibilitou a construção do seguinte cenário prospectivo exploratório que, para o Brasil, seria um cenário prospectivo desejado:

- Após a derrocada da URSS e o fim do conflito Leste-Oeste, o mundo não está organizado na esperada “nova ordem mundial”, mas sim vivendo uma desordem mundial, com duração provável de três décadas (até 2022, aproximadamente), após as quais estará reorganizado.

O autor baseou-se em fatos portadores de futuro que redundariam em eventos futuros, tais como distúrbios raciais e religiosos nos EUA, sérios conflitos raciais, étnicos e econômicos na África, movimentos de independência nos Bálcãs e na Rússia, graves problemas populacionais na China e outros, que foram se concretizando, materializando um cenário de turbulências e de incertezas. A América Latina não é considerada, pelo autor, como “zona de instabilidade”, particularmente por estar relativamente protegida das grandes turbulências, como as que ameaçam a África, o mundo islâmico, os Bálcãs, o Cáucaso e a China. No caso do Brasil, acredita que, nessas três décadas, poderá sair da estagnação, sozinho (mais difícil), com um grupo de países (Mercosul?) ou com toda a América Latina (cenário da “Teo-

ria do Quaterno”?). Trata-se, sem dúvida, de um “cenário prospectivo desejado”, para o Brasil e seus irmãos latino-americanos.

4 – Teoria da Tríade (1968-73), do Clube de Roma (Itália, 1968) e da Comissão Trilateral (EUA, 1973), da qual resultou a construção do cenário prospectivo desejado a seguir apresentado, cuja concretização está sendo buscada, seguramente, neste início de século, pelos integrantes do G 7 e demais interessados no controle mundial:

- Após o fim da bipolaridade e do conflito Leste-Oeste, o mundo está organizado em três blocos, todos diretamente sob a área de influência dos EUA, a saber: o Bloco Americano (continente americano), sob a liderança dos EUA; o Bloco Europeu (Europa Ocidental, inclusive a Rússia e a Turquia, bem como o Norte da África), liderado pela Alemanha e o Bloco Asiático (Japão, “Tigres Asiáticos”, Austrália Indonésia, Nova Guiné etc.), liderado pelo Japão.

Nesse cenário foi também definido o novo mapa econômico mundial, com o NAFTA (EUA, Canadá e México – 1992), e o CAFTA-DR (EUA, América Central e República Dominicana – 2005), no Bloco Americano; o EEE (Espaço Econômico Europeu), de 1991, no Bloco Europeu e a AEA (Associação Econômica da Ásia), com base na ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático), no Bloco Asiático. Estava, assim, materializada a “Tríade Econômica.”

5 – Teoria do Choque de Civilizações (1993-96), do professor e cientista político norte-americano Samuel Phillips Huntington, que proporcionou a construção do cenário prospectivo exploratório abaixo:

- Após o fim da Guerra Fria, os conflitos mundiais não são mais entre reis, entre Estados ou entre ideologias, mas sim entre civilizações.

Tendo definido nove civilizações no mundo, apresenta nesse cenário o inevitável embate

entre a civilização Islâmica e a Ocidental, sendo que desta última, com argumentos praticamente racistas (“... sofreu e ainda sofre muito a influência de negros e de índios...”), retirou a América Latina, criando a civilização latino-americana”. Este fato provocou protesto na Espanha, através de artigo do atual Coronel do Exército Espanhol, Marin Bello Crespo, bem como indignada manifestação do escritor mexicano Carlos Fuentes, que classificou-o como racista, pela segregação dos latino-americanos da “civilização ocidental”, à qual sempre pertenceram.

6 – Teoria do Quaterno (1996), do Coronel e geopolítico brasileiro Roberto Machado de Oliveira Mafra, nascido em 1931, que possibilitou a construção do cenário prospectivo desejado a seguir apresentado:

- Terminada e Guerra Fria e o conflito Leste-Oeste, o mundo se apresenta no final do primeiro quartel do século XXI (2025) com quatro grandes blocos interagentes: o Norte-americano, o Sul-americano (evoluindo para Latino-americano), o Europeu e o Asiático.

- O bloco Norte-americano, composto pelos três países integrantes do NAFTA (EUA, Canadá e México), atraindo, também, os da América Central (CAFTA-DR) e do Caribe; o Sul-americano, formado com os países da América do Sul, em torno do Mercosul, aos quais seriam acrescentados os da América Central e do Caribe (CARICOM); o Europeu, com os países da Europa Ocidental e Oriental, a Rússia e a Turquia, bem como países do Norte da África, e o Asiático, representado pelo Japão, “Tigres Asiáticos”, Austrália, Indonésia, Nova Guiné e demais da área, sendo muito esperado, embora bastante difícil, o ingresso da China que, possivelmente, buscaria a liderança do bloco.

Este, naturalmente, é o cenário prospectivo desejado para o Brasil e demais países sul e cen-

tro americanos, bem como caribenhos, pois é o único que antevê um futuro radioso para todos.

O citado livro *Geopolítica – Introdução ao Estudo* foi valorizado com um prefácio de autoria do insigne geopolítico brasileiro General Carlos de Meira Mattos, em que muito apreciou as novas teorias levantadas e nomeadas pelo autor, chegando mesmo a expor algumas dessas idéias no artigo “Novas Teorias do Poder Mundial”, publicado no *Monitor Mercantil* de 4 de março de 2005, artigo esse republicado na revista *A Defesa Nacional*, Ano XCI – Nº 801, do primeiro quadrimestre de 2005 (pág. 3-4).

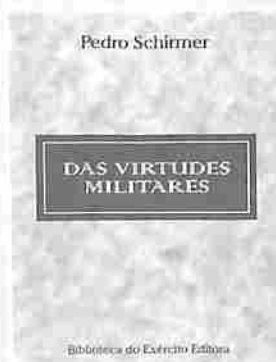
Em seu prefácio do já citado livro *Geopolítica – Introdução ao Estudo*, aquela autoridade mundial em geopolítica assim se refere ao assunto:

“... o autor nos premia com a apresentação e o estudo de novas teorias do poder... Nessa parte, referente às novas teorias geopolíticas, o Coronel Mafra nos traz informações inéditas entre os estudiosos brasileiros, de novos autores que, nessa época de transição

da política internacional, tentam interpretar e teorizar a evolução resultante no nível do poder das superpotências. Entre essas novas teorias da geopolítica, o autor deste livro alinha os franceses Jacques Brochard, Jean Christophe Rufin e Pierre Lellouche e a doutrina do Clube de Roma, fortalecida com o apoio das teses norte-americanas de David Rockefeller e Brzezinsky.”

Dessa forma, pode ser afirmado que as novas teorias geopolíticas, após as referências do ilustre geopolítico brasileiro General Carlos de Meira Mattos, seja no prefácio do livro, seja no artigo publicado no *Monitor Mercantil* e na revista *A Defesa Nacional*, devem ser alvo de estudos e meditações mais profundas dos geopolíticos brasileiros, particularmente no que se refere à Teoria do Quaterno, do próprio autor que, embora não citada nos comentários acima, propicia a construção de um cenário prospectivo desejado bastante favorável para o nosso Brasil e seus vizinhos, relativo ao primeiro quartel deste novo século. ☺

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA Coleção General Benício



Das Virtudes Militares

Pedro Schirmer

Apresenta, de forma didática, as virtudes que devem emoldurar o espírito do soldado. Completa a exposição com fatos e citações históricas.